

## **DIÁRIO DOS CAMPOS: A FUNDAÇÃO DO JORNAL EM MEIO AOS IDEIAS DE MODERNIDADE PONTA-GROSSENSE**

Isaias Holowate<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo estuda a fundação e a atuação do jornal *Diário dos Campos* em Ponta Grossa no Paraná em um período de consolidação da sociedade urbana ponta-grossense. Para isso, levanta, em meio às suas relações e significados do jornalismo para a sociedade local do início do século XX, os desafios e confrontos ao qual a publicação enfrentou durante o processo de sua fundação e consolidação. Nessa pesquisa, utiliza-se como fonte as publicações do jornal *O Progresso* – chamado de *Diário dos Campos* a partir de 1913, e, usando a teoria das representações do historiador Roger Chartier, busca-se compreender o jornal em relação ao meio social em que foi fundado, além dos desafios o seu estabelecimento e manutenção, compreendendo a reconhecimento social e as dificuldades para o desenvolvimento do jornalismo na sociedade ponta-grossense daquele período.

**Palavras-chave:** Diário dos Campos. Representações. Sociedade ponta-grossense.

Recebido em 07 de janeiro de 2019 e aprovado para publicação em 27 de abril de 2020

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná. Correio eletrônico: isaiasholowate@gmail.com

## Introdução

O jornal é, essencialmente, um instrumento de re/construção e transformação de uma realidade<sup>2</sup>, atuando como um instrumento político de legitimação e de contestação social ao mesmo tempo em que influencia e é influenciado pelo meio social, realizando uma constante troca de informações.

Tendo a capacidade de mobilizar ou de garantir a construção subjetiva do “informado” o jornal deve ser visto como um campo de disputas políticas, econômicas e, principalmente, culturais. Os grupos são influenciados pelos jornalistas e também se articulam para exercer influência na mídia noticiosa [...]. A mídia noticiosa possui um próprio modo de afirmar a realidade que retrata/constrói e isso acontece em negociação com os receptores.<sup>3</sup>

Trata-se, assim, de uma produção voltada para seu circuito comunicativo, estando em uma constante relação dialógica os grupos que acessam à publicação, sejam eles os patrocinadores, produtores, colaboradores ou consumidores.

A pesquisa com fontes jornalísticas compreende também que o jornal é um veículo informativo que é uma mercadoria<sup>4</sup>. O periódico é produzido por alguém com algum objetivo, ou mais precisamente, por diversos “alguéns” com interesses variados que muitas vezes são negociados ou impostos, pois o espaço de sua circulação é um espaço de relação entre pessoas que negociam, organizam-se e muitas vezes concordam ou discordam. Ao mesmo tempo, ele é também um veículo que informa, diverte, interpreta e guia seu leitor.

A reconhecimento ou o esquecimento de um jornal depende das relações que se estabelecem entre a publicação e o meio social no qual ele circula e busca se estabelecer. Em alguns casos, o reconhecimento é quase que imediato. Porém em outros, a publicação pode ser não apoiada, restringida, ameaçada e virtualmente condenada à falência.

Quando se trata do jornalismo do início do século XX no Brasil, muitos periódicos dependiam especialmente do poder político estabelecido no meio social, especialmente local. Muitos jornais, especialmente no interior do país, dependiam das boas relações com a elite local, ou, ao menos, se estabelecer em um status de equilíbrio entre os grupos dominantes do poder.

Pode-se dizer que, de forma geral, os jornais que se diziam informativos eram uma mistura do velho jornalismo partidário com marcas de interesse comercial. Isto se dá porque somente as assinaturas e anúncios não supriam as despesas dos jornais, necessitando de apoio da prefeitura municipal ou de grupos políticos para

---

<sup>2</sup> ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 45.

<sup>3</sup> PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Mídia noticiosa como material de pesquisa: Recursos para a pesquisa de produtos jornalísticos. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro de. (org.). **Pesquisa em Ciências Sociais: interfaces, debates e metodologias**. Ponta Grossa. Toda palavra, 2012. p. 52.

<sup>4</sup> SARTRE, Jean-paul. **Crítica de la razón dialéctica**. Livro 1. Buenos Aires: Losada, 1979. p. 53.

sobreviverem. Por isso, muitas folhas tinham uma vida curta, em que, ao findar o apoio político ou no momento do desinteresse, o jornal desaparecia. Outros que não recebiam apoio estavam fadados à efemeridade.<sup>5</sup>

Esse também era o caso da região dos Campos Gerais<sup>6</sup>, no Paraná, onde após diversas tentativas, o *Diário dos Campos* foi estabelecido em meio a uma sociedade que, estando em transformação, carregava resquícios de uma economia interiorana amalgamados com as transformações modernizantes do início do século XX.

O jornal foi fundado em Ponta Grossa pelo imigrante russo-alemão Jacob Holzmann, em um período de transformações políticas, sociais e culturais na sociedade ponta-grossense com modificações na oligarquia rural enraizada na política local, desenvolvimento de uma classe investidora urbana e consolidação da intelectualidade local.

Provavelmente a principal “vantagem” do *Diário dos Campos* fosse justamente o fato de ter sido fundado em meio a essa sociedade em transição, pois isso permitiu que a direção do jornal, composta principalmente por membros de classe média-alta de investidores urbanos se apoiasse em um equilíbrio de poder entre os diferentes grupos dominantes da sociedade local e que emergisse, após segunda metade do século XX, como uma ferramenta comunicativa relevante e de poder político e social consolidado na região do Campos Gerais.

Porém, o período de fundação e consolidação do *Diário dos Campos* não deixa de ser uma época de disputas e turbulências. Nos seus primeiros anos, a publicação enfrentou diversos desafios para o desenvolvimento do jornalismo em Ponta Grossa, especialmente em virtude da falta de apoio político e financeiro. Porém, com o tempo, a atuação da redação e desenvolvimento de um grupo de colaboradores, possibilitou ao periódico que se tornasse a partir da segunda década do século XX, o jornal de maior circulação da região.

Assim, o presente artigo buscará apontar algumas factualidades e reflexões sobre o surgimento do jornal *Diário dos Campos* no início do século XX e as relações entre o jornalismo ponta-grossense e a sociedade local daquele período, com ênfase nas relações do jornalismo com os grupos urbanos e urbanizantes de Ponta Grossa.

---

<sup>5</sup> PONTES, Felipe Simão; GADINI, Sérgio Luiz. **Mídia, História e Memória dos Campos Gerais do Paraná - Breve análise histórica do jornalismo impresso na cidade de Ponta Grossa (PR)**. Artigo vinculado a projeto de pesquisa da UEPG, 2016. p. 7.

<sup>6</sup> Os Campos Gerais ocupam uma faixa de território do Segundo Planalto paranaense, entre o Planalto Curitibano e o Planalto de Guarapuava. Caracteriza-se por ser uma região campeira, que durante os séculos XVIII e XIX, foi ocupada pela economia tropeira, com a instalação das fazendas de engorda dos animais que passavam pela região. HOLLOWATE, Isaias. **A Eugenia nas páginas do jornal *Diário dos Campos, Ponta Grossa (PR) 1908-1916***. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018. p. 42.

## **Ponta Grossa no início do século XX**

A Ponta Grossa do início do século XX era, essencialmente, uma sociedade em transição. A cidade estava passando por um processo de intensas modificações sociais que vinham ocorrendo desde por volta da década de 1860, com a decadência de uma economia majoritariamente dependente do tropeirismo e predominantemente escravocrata<sup>7</sup> e o desenvolvimento de uma economia mais diversificada com a instalação de indústrias<sup>8</sup> e um nascente comércio urbano<sup>9</sup>.

A população da cidade passou, entre os anos de 1890 e 1920 por um significativo aumento populacional, tendo crescido de 4774 habitantes em 1890 para 20771 em 1920<sup>10</sup>. No ano de 1911, o almanaque Laemmert afirmava que Ponta Grossa tinha 10 mil habitantes, ou seja, a população do município havia mais do que duplicado nos últimos 20 anos e duplicaria novamente nos dez anos seguintes<sup>11</sup>. Esse aumento populacional possibilitou uma dinamização da economia da região, pois os recém-chegados que migraram para a área urbana funcionavam como mão de obra barata e público consumidor para as crescentes fábricas.

Nessa época de chegada dos imigrantes também ocorreu a abolição da escravatura, a Proclamação da República e fortalecimento dos discursos de modernidade e cientificismo. Tais transformações impactavam nas disputas sobre a identidade local e estimulavam discursos que defendiam a concepção de cidade urbanizada com seus hábitos de “urbs agitada e triunfal” como signos do “avanço” de Ponta Grossa rumo ao progresso<sup>12</sup>.

Porém, a estrutura econômica de Ponta Grossa ainda mantinha certa dependência para a produção rural. A publicação do Almanaque Laemmert de 1911 aponta que, naquele momento Ponta Grossa exportava “principalmente erva-mate, beneficiada ou em bruto, carne seca, gado vacum, cavalar e suíno, fumo, queijos e outros produtos laticínios”<sup>13</sup>. Nota-se que a maioria desses produtos exportados eram relacionados com os sistemas econômicos tropeiro e da extração de erva-mate, sendo ambas as atividades

<sup>7</sup> PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando iras rumo ao progresso**. Curitiba, UTFPR, 1996. p. 53-54.

<sup>8</sup> KOHLRAUSCH, Arlindo Jonas Fagundes. **Introdução à história da arquitetura em Ponta Grossa/Pr**: As casas de madeira – 1920 a 1950. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 20.

<sup>9</sup> LEANDRO, José Augusto. **Palco e tela na modernização de Castro**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995. p. 12.

<sup>10</sup> PINTO, Elisabete Alves. **A população de Ponta grossa a partir do registro civil, 1889-1920**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980.

<sup>11</sup> **Almanaque Laemmert**. Ponta Grossa. Rio de Janeiro, 1911, p. 3480.

<sup>12</sup> ZULIAN, Rosângela Wosiack. A victoriosa rainha dos campos: Ponta Grossa na conjuntura republicana. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, 1998. p. 44.

<sup>13</sup> **Almanaque Laemmert**, Ponta Grossa. Rio de Janeiro, p. 34-80, 1911.

proeminentemente rurais. Embora estivesse passando por um processo de mudanças, a economia ainda era predominantemente rural. O pólo de produção de riqueza em Ponta Grossa ainda se mantinha no campo.

Entretanto, a produção urbana industrial e comercial já estava próxima de superar o ritmo do meio rural, trazendo o eixo econômico para a cidade. O almanaque Laemmert inclusive afirmava que “Ponta Grossa é o ponto principal do comércio do interior do Estado, por ser ponto terminal da Estrada de ferro Paraná e o central da E. Ferro São Paulo a Rio Grande do Sul”<sup>14</sup>.

O comércio citadino era composto em grande parte pela existência de açougues, lojas de secos e molhados, mercearias e sapatarias. Entre as profissões destacadas pelo almanaque Laemmert de 1911 estava a presença de dois médicos na cidade (Flaviano Silva e J. Paulo Braga), três advogados (Miguel Omena, Oliveira Franco e Quartim de Moraes) e doze investidores<sup>15</sup>.

O sentimento de pertença ao meio citadino também era motivado pela vivência e dependência dos moradores da cidade para as atividades tipicamente urbanas, como o trabalho operário, a convivência nos clubes, cinema e bares e as atrações oriundas do caminhar pela cidade, conversar diariamente com “conhecidos”, debater a política e a sociedade à sua volta.

Transformações sensíveis na estrutura social e econômica vão se evidenciando na Ponta Grossa do fim do século, que se manifestam na concentração urbana e em contraste com a dispersão rural de proprietários em busca de outro tipo de atividade. Em função destas transformações, Ponta Grossa, que parecia confundir-se com o campo que a invadia, assumia “ares de cidade”.<sup>16</sup>

Nessa época, era bastante comum que filhos de fazendeiros se dirigissem às capitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, onde realizavam seus cursos de bacharelado<sup>17</sup>. Após retornarem à região, assumiam postos de empregos no setor público e privado ou cargos na política ponta-grossense<sup>18</sup>.

A injeção intelectual que esse fluxo causava foi um dos responsáveis pelo aparecimento de discussões na sociedade local sobre temas que eram debatidos no meio nacional e internacional. Tais discursos, muitas vezes produzidos em diálogo com os textos

---

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> ZULIAN, op. cit., p. 40.

<sup>17</sup> LEANDRO, op. cit., p. 13.

<sup>18</sup> HOLOWATE, Isaias. **Representações sobre a eugenia no jornal Diário dos Campos, 1907-1921.** Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

científicos, eram reconstruídos em relação às questões sociais locais e os desafios cotidianos desses entusiastas ponta-grossenses e externados em folhetos e jornais.

A presença de novas ideias nas discussões locais também era reforçada pela chegada de imigrantes intelectuais ou com formação científica experiente, tal como era o caso do médico italiano Francisco Búrzio<sup>19</sup>.

Essa presença de novas ideias seria uma das responsáveis pelo aparecimento de um grupo de “intelectuais locais” que debatiam teorias científicas nas páginas do jornal e as discussões sobre as questões sociais na ponta-grossense.

Notadamente escritores, que se pautando em diferentes leituras, autores e referências, participaram ativamente das discussões locais. Cabe ressaltar que essas discussões, quando problematizadas, deixam entrever questões de ordem mais ampla, referentes à aspectos nacionais – de foro social, econômico e/ou político – e/ou, mesmo, internacional, principalmente naquilo que toca os grandes dilemas históricos do século passado, sejam os grandes conflitos bélicos e/ou a implantação de diferentes regimes políticos.<sup>20</sup>

Porém, nem todos os imigrantes que vieram aos Campos gerais eram membros de uma elite intelectual. A maioria deles era composta por poloneses, italianos, alemães, russos e sírios, oriundos de condições sociais e econômicas variadas e que faziam parte de culturas que apresentavam notáveis diferenças em relação aos habitantes já estabelecidos na região.

Além dos imigrantes pobres, grupos de ex-escravos também sofriam com a marginalização na sociedade ponta-grossense. A região durante todo o século XIX havia sido predominantemente escravocrata. Em 1854, inclusive, a vila de Ponta Grossa possuía 3033 habitantes, dos quais 1059 eram escravos. Ou seja, de cada três habitantes de Ponta Grossa, um era escravo<sup>21</sup>.

Ao contrário da imagem construída por Saint Hilaire (1779-1853) de uma “escravidão benigna”, que trazia proveito a moral pública nos Campos Gerais<sup>22</sup>, a escravidão na região de Ponta Grossa embora apresentasse características próprias, também resultava em dramas com resultados trágicos, que envolveram diversas vezes, a

---

<sup>19</sup> Francisco Búrzio era um Médico, formado na Faculdade de Medicina de Turim que migrou para Ponta Grossa em 1908. Era um dos poucos médicos locais que atendiam em consultório próprio. Raramente escrevia para o *Diário dos Campos*, e quando o fazia, seus textos eram ligados à sua especialidade médica.

<sup>20</sup> CHAVES, Niltonci Batista; KARVAT, Erivan Cassiano. Intelectuais, Discursos e Instituições: as relações entre a História Intelectual (e/ou de Intelectuais) e a História Local (reflexões sobre possibilidades de pesquisa). **Anais do VI Congresso Internacional de História**. Maringá: UEM, 2013. p. 2.

<sup>21</sup> PEREIRA, op. cit., p. 53.

<sup>22</sup> August Saint Hilaire foi um botânico e naturalista francês que viajou pelo interior do Brasil, tendo passado pelos Campos Gerais em 1820. O relato que publicou sobre sua viagem, levados em consideração o fato de ser uma produção em um contexto histórico próprio, constitui uma representação bastante vívida sobre a sociedade paranaense daquele período (SAINT HILAIRE, 1978).

preferência pela fuga e o crime - incluindo o homicídio - como uma saída para a escravidão, ou ainda o suicídio<sup>23</sup>.

No final do século XIX, o processo de abolição da escravatura, embora tenha extinguido a escravidão enquanto uma prática legal, não promoveu uma igualdade de condições de sobrevivência entre os indivíduos recém-libertos e a população branca e “não acabou com o regime social e cultural de discriminação que existia durante a escravidão”<sup>24</sup>.

A marginalização desses grupos também deu origem a contrainiciativas dos atingidos, que constituíram lugares de pertença e associação próprios. Tal é o caso do Clube Treze de maio, fundado em 1890 em Ponta Grossa - portanto dois anos após a abolição da escravatura no Brasil - que embora em suas proposições buscasse uma aproximação com os ideais da sociedade morigerada local, suas normas restringiam a participação de forasteiros nas atividades do estabelecimento<sup>25</sup>.

### **O estabelecimento do Diário dos Campos**

No dia 27 de abril de 1907, entrava em circulação um novo periódico em Ponta Grossa: O jornal *O Progresso*<sup>26</sup>, fundado pelo maestro da banda Lyra dos campos, Jacob Holzmann, um imigrante russo-alemão que chegou à cidade no final do século XIX. Holzman, mesmo não pertencendo a elite agrária ponta-grossense, era membro atuante na política local, pois era membro da burguesia investidora da cidade, um dos fundadores da *Companhia Typographica Pontagrossense* e personagem reverenciado na vida urbana local, tendo sido considerado por José Cadilhe como o “Fundador da Imprensa de Ponta Grossa”<sup>27</sup>.

Não se tratava do primeiro jornal fundado em Ponta Grossa. Este, havia sido o *Campos Geraes*, datado de 1893, mas que, assim como diversas tentativas de estabelecimento de um meio jornalístico contínuo em Ponta Grossa, havia tido uma curta duração<sup>28</sup>, especialmente pelas dificuldades de se manter um periódico em funcionamento em meio às disputas entre as elites oligárquicas e a burguesia local.

---

<sup>23</sup> MARTINS, 2011, p. 47-63.

<sup>24</sup> HOLOWATE, op. cit., p. 10

<sup>25</sup> SANTOS; Merilyn Ricieli dos; JOVINO; Ione da Silva. Sociabilidades negras entre a diversão e os letramentos: um clube literário e recreativo nos Campos Gerais (PR). **Revista da ABPN**, v. 10, p. 164-183, janeiro de 2018.

<sup>26</sup> **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 27 abr. 1922.

<sup>27</sup> CHAVES, Niltonci Batista. **Entre “preceitos” e “conselhos”**: Discursos e práticas de médicos-educadores em Ponta Grossa/PR (1931-1953). Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. p. 29.

<sup>28</sup> PILOTTO, Valfrido. **Ideais de Ontem da Cidade Sempre Jovem**. Caderno em homenagem à cidade de Ponta Grossa em comemoração ao sesquicentenário do Decreto nº 15 que criou a freguesia. Ponta Grossa, 1973. p. 1.

O bom relacionamento político com os grupos dominantes da sociedade anteriormente havia sido uma necessidade quase que imprescindível para a manutenção de um jornal funcionando na cidade de Ponta Grossa.

Ponta Grossa, durante boa parte da sua história, também foi marcada por uma relação estreita entre jornalismo e política. Muitos donos de meios de comunicação eram e ainda são políticos. Usam o poder do jornalismo para instaurar um discurso que apresenta diversas contradições. Apesar da política estar presente no jornal, nota-se que muitos outros interesses passam por ele, como por exemplo, a aceitação junto ao público-alvo, as tradições religiosas e culturais da cidade, o relacionamento com os anunciantes e financiadores do meio, etc.<sup>29</sup>

Porém, apesar das dificuldades, o jornal *O Progresso*, conseguiu manter seu funcionamento, apesar das eventualidades. De acordo com Epaminondas Holzmann – filho de Jacob Holzmann e que atuou no *Diário dos Campos* desde a fundação - o jornal surgiu por um acaso fortuito: O tipógrafo João Antunes de Oliveira que prestava à banda Lyra dos Campos seus serviços como trombonista e atuava na Tipografia do jornal *O Comércio* estava correndo o risco de perder o emprego em vista dos conflitos com políticos locais que a direção do jornal enfrentava. Como o jornal estava prestes a fechar, o trombonista se retiraria de Ponta Grossa, e Holzmann perderia um concurso importante para a Lyra dos Campos.

Nessa situação, o maestro sabendo que a prensa e todo o equipamento tipográfico estava à venda por valores irrisórios, optou por comprar os equipamentos e dar início a uma nova tentativa do periodismo ponta-grossense dando início ao jornal *O Progresso*<sup>30</sup>.

Assim, o jornal surgiu quase ao acaso e com equipamentos bastante ultrapassados. A prensa utilizada era "uma das primeiras que deve ter existido no país e aposentada dos tempos de Gutenberg". A impressão era realizada página por página e exigia dois operadores: um, munido de um pequeno rolo, passava a tinta na página apertada contra a superfície e o outro passava o papel e descia a alavanca<sup>31</sup>.

As primeiras edições do jornal contavam com uma tiragem de 300 exemplares, em edições eram quinzenais. Porém, em virtude de sua aceitação, o periódico passou a ser publicado de três em três dias.

A publicação consistia, durante seus primeiros anos, de formato standard - 55 cm (cerca de 22 polegadas) - com 4 páginas, sendo as duas últimas voltadas principalmente para anúncios comerciais. No topo da primeira página eram publicados os editoriais, onde

---

<sup>29</sup> PONTES, Felipe Simão; GADINI, Sérgio Luiz. **Mídia, História e Memória dos Campos Gerais do Paraná - Breve análise histórica do jornalismo impresso na cidade de Ponta Grossa (PR)**. Artigo vinculado a projeto de pesquisa da UEPG. p. 4.

<sup>30</sup> HOLZMANN, Epaminondas. **Cinco Histórias Convergentes**. Ponta Grossa: UEPG, 200. p. 262-263.

<sup>31</sup> Idem.

a redação ou os colaboradores do jornal apresentavam discursos sobre questões da sociedade local e apontamentos da situação política e cultural da época.

Conforme se podia ler em suas páginas, de acordo com os depoimentos de seus colaboradores<sup>32</sup> a publicação tinha a pretensão de não ser apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um veículo que contribuísse para o engrandecimento da cidade, buscando promover o progresso e lutando pela modernização da cidade, tanto na questão intelectual quanto social<sup>33</sup>. O objetivo do periódico era promover a sociedade local, divulgando as peculiaridades da cidade.

[o objetivo do periódico era divulgar] os acontecimentos políticos; as atrações culturais; a vida social; os avanços urbanos e tecnológicos e os problemas decorrentes de tais avanços; os acontecimentos fortuitos e pitorescos; quem chegava e quem partia; tudo era objeto das colunas publicadas em O Progresso.<sup>34</sup>

A publicação acompanhava, refletia, questionava e debatia sobre os mais variados acontecimentos aos quais a sociedade ponta-grossense entrava em contato naquele período.

Em 1º de janeiro de 1913 a publicação passou para a *Companhia typographica pontagrossense*, uma associação entre empresários, comerciantes e políticos locais que tinha Jacob Holzmann como presidente e Hugo dos Reis como secretário<sup>35</sup>. Em 1915, tornou-se propriedade de Hugo dos reis & Cia – uma associação entre Hugo dos Reis e sua esposa – e sendo vendida para os irmãos Cadilhe na década de 1920, sempre por déficit orçamentário e falta de apoio financeiro para cobrir as despesas de manutenção do periódico em terras princesinas.

Politicamente, o jornal geralmente se alinhava com a facção política liderada por Dr. Elizeu de Campos Melo, um político, advogado e membro da elite urbana ponta-grossense. Este foi inclusive, um dos principais investidores da Companhia Typographica Pontagrossense e incentivadores do *Diário dos Campos* nos primeiros anos<sup>36</sup>.

Tendo surgido em uma época de industrialização da cidade, o periódico foi conquistando espaço no público dos Campos Gerais na medida em que a cidade foi aumentando sua influência na região e se tornou o jornal de maior circulação na região. Numa época em que alguns grupos sociais se apropriavam dos ideais progressistas, o periódico também surgiu, nas palavras de seu fundador, “pequerrucho”, mas com “o progresso” até no título.

---

<sup>32</sup> **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 27 abr. 1922.

<sup>33</sup> HOLZMANN, op. cit., p. 263-264.

<sup>34</sup> CHAVES, op. cit., p. 30.

<sup>35</sup> **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 1 jan. 1913.

<sup>36</sup> CHAVES, op. cit., p. 37; HOLZMANN, op. cit., p. 286.

Faz hoje oito anos que veio à luz um “pequerrucho”, conforme mostra o retrato da nossa primeira página, o qual era para receber o nome de “O Pontagrossense”, mas, devido ao seu raquitismo, não pode comportar este extenso nome, e foi então que o batizaram de “O Progresso”, cujo nome antigo e batido veio a calhar, porque não só ele progrediu, como toda a cidade o acompanhou na mesma vereda.<sup>37</sup>

Apesar de ter pertencido a diversos proprietários, a publicação teve desde 1908 a presença de uma figura marcante nas atividades do periódico. Vindo para Ponta Grossa por motivos de saúde, Hugo dos Reis assumiu a redação do jornal, ao qual imprimiu características próprias. Tendo nascido em Valença, Estado do Rio de Janeiro, em 10 de dezembro de 1884, e migrado para Ponta Grossa, em 1908, Reis foi um defensor do espiritualismo científico<sup>38</sup>, um grande combatente em favor das causas sociais e sempre se posicionou defendendo bandeiras relativas à melhoria da educação e da saúde. Atuou entre 1908 e 1921 como redator literário, redator, gerente e proprietário do *Diário dos Campos*<sup>39</sup>.

Na publicação, foi personagem atuante de um dos episódios marcantes do jornalismo ponta-grossense quando em 1909, o jornal empastelado e Reis foi espancado em virtude de sua atividade política, provocando comoção entre os outros jornalistas.

Segundo a publicação de 29 de maio de 1909 do jornal *O Estado de São Paulo*, reproduzida no *Diário dos Campos*, em 8 de junho do mesmo ano, Hugo dos Reis teria sido agredido em virtude de seu constante posicionamento sobre questões políticas na sociedade local. Nos dias seguintes, diversas publicações de colaboradores lamentaram o fato e questionam a atitude tomada pelo redator do *Diário do Paraná*, que feria os direitos de livre expressão, algo muito defendido por Hugo dos Reis e pela imprensa do *Diário dos Campos*<sup>40</sup>.

Com Reis na chefia, a redação se preocupou em construir uma equipe que pudesse colaborar com a publicação. Nos primeiros anos do periódico, não era incomum que todas as matérias de uma edição fossem artigos da redação – principalmente do redator literário – ou republicações de outros jornais. Porém nos anos seguintes, Reis criou diversas iniciativas

<sup>37</sup> HOLZMANN, Jacob. 8 Anos. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 27 abr, 1915.

<sup>38</sup> Espiritualismo científico é uma corrente ideológica que atingiu boa parte da intelectualidade brasileira no final do século XIX e início do século XX. Partindo do movimento Kardecista, teve notoriedade na segunda metade do século XIX, após a morte de Allan Kardec, e a primeira metade do século XX. Seus propagadores associavam os discursos espiritualista com científico e que deveria ser compreendida no sentido estrito da palavra e “boa parte da intelectualidade brasileira do século XIX interessou-se pela doutrina espírita e até mesmo converteu-se a ela”. MALDONADO, Elaine Cristina. **Machado de Assis e o espiritismo**: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896). Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008, p. 11.

<sup>39</sup> HOLZMANN, op. cit.

<sup>40</sup> O Progresso. **O caso de Ponta Grossa**, Ponta Grossa, p. 1, 8 jun. 1909.

para estimular autores colaborar com o jornal, inclusive através de concursos literários<sup>41</sup>, nos quais a partir de uma temática estabelecida, candidatos escreviam contos e ensaios que eram publicados no jornal e julgados por um júri local formado por personalidade locais e que incluía o próprio Hugo dos Reis<sup>42</sup>.

Por volta de 1913, a publicação, após 6 anos de circulação já demonstrava uma certa capacidade de resiliência no meio social local. Na ocasião, a redação do Diário dos Campos mediu forças com a Câmara Municipal da cidade. Apesar do prefeito Theodoro Rosas ser amigo de Hugo dos Reis, a Câmara, naquele momento, era contrária ao estabelecimento de um contrato de publicação com o *Diário dos Campos*. Na disputa que se seguiu, é possível acompanhar a importância que Hugo dos Reis dava a autonomia política do jornal e assinatura de um contrato com a prefeitura, se posicionamento contrariamente ao estabelecimento de um regime de subvenções pagos por linha publicada<sup>43</sup>.

[...] o Diário dos Campos, enquanto for como é um jornal independente e de livre crítica jamais à aceitará, pelo menos enquanto tiver por chefe o atual redator. Não aceita subvenção alguma, de qualquer poder público, seja qual for a importância, e foi isto mesmo que respondemos ao sr. Secretário da Câmara, acrescentando que podíamos fazer um contrato por linha. Contrato é uma cousa e subvenção é outra muito diferente.<sup>44</sup>

Existe uma importante questão política na diferença entre o estabelecimento de um contrato e o pagamento de subvenções. Um contrato estabeleceria uma relação de igualdade entre o jornal e a prefeitura, com valores a serem pagos, publicações a serem realizadas e regras a serem seguidas por ambos os lados. Já um regime de subvenções colocava o jornal em uma posição inferior em relação à prefeitura, “apadrinhando” o periódico à Câmara Municipal, além de não estabelecer quais seriam as publicações a serem feitas e não garantir os pagamentos a serem realizados.

Tratava-se, portanto de uma questão política envolvendo a imprensa em ascensão na sociedade ponta-grossense, como já apontavam as questões anteriores entre o jornalismo e as elites locais, e o poder público da cidade, ainda controlado por essas elites.

Após diversas vicissitudes, a Câmara Municipal recua e aceita as condições de Reis. A disputa entre o jornal e a Câmara, ocorreu por espaços de influência política na sociedade.

---

<sup>41</sup> Ocorreram diversos concursos literários, entre os quais o “A noite”, de fevereiro de 1913. Os textos publicados podem ser encontrados na edição de 1 de fevereiro daquele ano. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1-2, 1 fev. 1913. As críticas, réplicas e discussões permeiam as edições seguintes até por volta do dia 20 do mesmo mês.

<sup>42</sup> **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 10 fev. 1913.

<sup>43</sup> HOLOWATE, Isaias. Relações de poder: A contenda entre o jornal Diário dos Campos e a Câmara Municipal no alvorecer da imprensa ponta-grossense. **Mídia & Contexto**, Ponta Grossa, v. 1, n. 4, p. 1-17, 2015.

<sup>44</sup> **Diário dos Campos**. Câmara versus Diário dos Campos. Ponta Grossa, p. 1, 15 jan. 1913.

A Câmara não pretendia fortalecer um grupo que conquistava espaço e controlava um meio discursivo de circulação relevante no meio local, enquanto que o a redação do Diário dos Campos não pretendia ter suas publicações controladas pelos interesses da Câmara. A vitória do jornal aponta para a relevância do capital simbólico ao qual o periódico estava conquistando<sup>45</sup>.

Com o passar do tempo e o jornal conquistando reconhecimento no meio local e obtendo sucesso em suas iniciativas sociais e culturais, mais personagens passaram a colaborar com o periódico. Assim, por volta do início de 1914 já se delineava uma configuração social mais complexa do círculo dos colaboradores do jornal, e participação dos membros da redação auxiliando no fechamento das edições, uma rede de colaboradores escrevendo artigos para o jornal e correspondentes em diversos municípios da região coletando informações e vendendo o periódico na região<sup>46</sup>.

### **“Uma ferramenta para o progresso da região”: O Diário dos Campos e o ideal de modernidade**

Como foi apontado, o aumento exponencial da população no meio urbano também foi um dos responsáveis pelo fortalecimento da produção comercial e industrial através do aumento do consumo na própria população local e regiões vizinhas. A dinamização das relações no meio urbano também ensejou o aparecimento de novas classes sociais como os operários<sup>47</sup> e os jornalistas<sup>48</sup>.

Inicialmente, o jornal não possuía investimentos adequados para expansão ou ao menos a manutenção em superávit financeiro, o que tornou os primeiros anos da imprensa ponta-grossense bastante difíceis, onde “a receita mal cobria a despesa”<sup>49</sup>. Porém, com o decorrer do tempo e a atuação da redação do jornal, este mantém seu funcionamento ininterrupto no periodismo ponta-grossense, se fortalecendo e defendendo seus ideias na sociedade, ao mesmo tempo em que passa definitivamente ser considerado como um

---

<sup>45</sup> HOLOWATE, op. cit.

<sup>46</sup> Os membros da redação aparecem em um artigo com ares de peça teatral cômica com título de “À mesa da redação” publicada em 1 de agosto de 1914, no qual Reis, logo após ser homenageado por membros da redação e colaboradores próximos, responde descrevendo como eram as relações dentro da redação da publicação e nomeia os colaboradores que faziam parte naquele momento, do fechamento da edição (REIS, 1 ago. 1914, p. 1). Os membros da redação, contudo, variaram com o tempo e em ocasiões específicas é preciso buscar nas construções, aceites de posicionamentos e espaço dado no jornal para buscar compreender quem estava em cada época entre o grupo dos mais próximos da redação.

<sup>47</sup> MONASTIRSKI, Leonel Brizolla. **Cidade e Ferrovia: A mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa**. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. p. 52.

<sup>48</sup> HOLOWATE. **A eugenia nas páginas do jornal Diário dos Campos, Ponta Grossa (PR) 1908-1916**, op. cit.

<sup>49</sup> HOLZMANN, op. cit., p. 287.

órgão com importância política, que é negociado e disputado pelos grupos poderosos da sociedade local e, em meio aos debates vai conquistando espaços na cidade de Ponta Grossa do início do século XX.

O jornal buscava manter uma faceta combativa e conciliadora, apontando necessidades e se afirmando como uma ferramenta para o “progresso” e disciplinarização da cidade ao mesmo tempo em que negociava com os grupos políticos locais e permitia, em alguns casos, a publicação nas suas edições de textos divergentes com a posição da redação.

A noção de civilização se afirmaria, principalmente, no caráter desse progresso. É um progresso, em seus diversos aspectos, à moda européia. A cidade vai surgindo como uma urbe cosmopolita, onde o comércio, a estrada de ferro, o novo arruamento, as construções, os habitantes (sérios, ordeiros, empreendedores) e seus novos hábitos civilizados são elementos denotativos de uma “nova Ponta Grossa”.<sup>50</sup>

Cumprir observar que, nos discursos, as mudanças sociais se articulavam com alterações culturais, o que pode ser notado, por exemplo, pela presença dos discursos progressistas que associavam a chegada de novas tecnologias como a ferrovia e a instalação de jornais como sinais de um avanço da sociedade ponta-grossense em direção ao progresso<sup>51</sup>.

Ponta Grossa progride, é um eco que se repete diariamente. Ponta Grossa progride. A mania velha da descrença, da pasma cerebral dos centros acanhados vai sendo subjugada pelo gênio dos fortes, que sabem querer, e que sabendo querer, sabem executar. A luz, a energia elétrica, as casas comerciais, o banco, as estradas de ferro, a imprensa, as indústrias, tudo cresce a olhos vistos, demonstra-se por  $a+b$  indiscutível, insofismavelmente.<sup>52</sup>

Ponta Grossa progride. Esse era um discurso comum nas páginas do jornal. Na publicação, os avanços da cidade eram retratados e elogiados. Porém, não apenas as transformações econômicas e políticas ganhavam espaço na publicação, mas também as transformações culturais eram objetos dos olhares da redação, fossem elas mudanças no comportamento, nos costumes, no modo de viver e de pensar do ponta-grossense.

A noção de civilização se afirmaria, principalmente, no caráter desse progresso. É um progresso, em seus diversos aspectos, à moda europeia. A cidade vai surgindo como uma urbe cosmopolita, onde o comércio, a estrada de ferro, o novo arruamento, as

<sup>50</sup> ZULIAN, op. cit., p. 53.

<sup>51</sup> CHAVES, op. cit., p. 30-31.

<sup>52</sup> **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 11 jan. 1913.

construções, os habitantes (sérios, ordeiros, empreendedores) e seus novos hábitos civilizados são elementos denotativos de uma “nova Ponta Grossa”<sup>53</sup>.

Convém notar que esse ideal de progresso que ganhou força nessa época, apresentava ligações com os princípios burgueses de “Ordem” e “Progresso”, originários do Positivismo<sup>54</sup>. Essa concepção iria fazer parte do cotidiano defendido pelos progressistas locais, que buscavam em seus discursos, reconstruir no meio local uma cidade aos moldes da capital francesa.

A urbanização ponta-grossense permitiu o surgimento de um florescente comércio diversificado de alimentos e produtos beneficiados como madeira e tecidos. As transformações econômicas ocorreram contiguamente ao fenômeno de urbanização da cidade, provocando uma modificação estrutural na sociedade.

Com a urbanização e industrialização, a população campestre orbitava a cidade, que passa agora a ser um local de atração. A cidade é o lugar do progresso, por excelência. Lá se discutia política e sociedade, se comercializava matérias-primas e produtos industrializados, e uma parcela da população se divertia nos lugares morigerados ou não. Estar na cidade era um símbolo de status. Nesse período se estabeleceu uma distinção mais clara entre o rural e o urbano<sup>55</sup>, criando-se com a urbanização e a industrialização um sentimento de identidade urbana. A atuação na cidade, associado cada vez mais à riqueza e ao progresso, acentua e diferencia o meio rural da urbanidade ponta-grossense<sup>56</sup>.

Esse ideal de cidade civilizada embasada nos discursos de progresso tecnológico, científico e industrial, era marcada pela defesa da atuação do Estado no meio citadino de forma a alterar, modificar e controlar o meio urbano

A modernidade urbana é, por si só, outra representação que introduz toda uma outra série de apreciações. Tradução sensível da renovação capitalista do mundo, a modernidade enquanto experiência histórica, individual e coletiva, faz da cidade mais que um lócus, um verdadeiro personagem. A emergência da cidade moderna e, sobretudo, de Paris como paradigma e mito da metrópole exportável enquanto modelo para o mundo põe em cena uma gama de novas representações. Por exemplo, a transformação da cidade desencadeia uma luta de representações entre o progresso e a tradição: uma cidade moderna é aquela que destrói para construir, arrasando para embelezar, realizando cirurgias urbanas para redesenhar o espaço em função da técnica, da higiene, da estética (PESAVENTO, 2004, p. 79).

---

<sup>53</sup> ZULIAN, op. cit., p. 53.

<sup>54</sup> Positivismo foi uma doutrina de pensamento proposto por August Comte que se propôs a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas. No campo social, se caracterizou por um princípio evolucionista das sociedades a partir de estágios menos avançados para mais avançados (Estágios Teleológico, Metafísico e Positivo), em que a sociedade avançaria em direção ao Cientificismo, e ao Progresso.

<sup>55</sup> PEREIRA, op. cit., p. 97-115.

<sup>56</sup> ZULIAN, op. cit., p. 40.

Porém, tal qual teoriza Pesavento, o ideal do meio urbano não torna automaticamente o meio urbano o ideal. Os discursos de cidade civilizada estavam amplamente presentes no meio social ponta-grossense. Porém, isso não significou a aplicação sumária desses discursos em práticas sociais, sendo que as alterações na sociedade local foram ocorrendo de forma lenta e gradual e em negociação com as práticas locais.

A inauguração do cine Renascença em 1911, por exemplo, em uma época em que o cinema era um símbolo do progresso moderno e “O cinematógrafo coroou [...] toda uma era de grande progresso técnico ocorrida ao longo do século XIX”<sup>57</sup> também envolveu as especificidades locais. O cine local foi fundado também por Jacob Holzmann para, por função primordial, servir como um espaço para a banda Lyra dos Campos tocar<sup>58</sup>. E, em Ponta Grossa, os teatros e cinemas, tecnologias modernas recém-chegadas à cidade, se adaptavam ao modo de vida local e fechavam nas noites mais frias do inverno na cidade campeira.

Cinematógrafos: Funcionaram durante a semana, com pouca frequência. Santana (teatro). Terça e quinta houve espetáculo. Devido ao frio que reina impiedosamente, a população deserta das praças e ruas, e deixa se ficar no aconchego do lar. Tal como nós, os teatros tirarão a sua desforra hoje e amanhã.<sup>59</sup>

Além disso, ao que aponta o jornal, o crescimento exponencial da população não era acompanhado por uma imediata estruturação da área urbana, de forma que se multiplicava a quantidade de indivíduos com poucas condições de subsistência, e parte da população sofria com questões como a exígua segurança pública<sup>60</sup>, falta calçamento em muitas vias<sup>61</sup>, estrutura sanitária escassa<sup>62</sup>, entre outros.

As práticas populares alheias ao ideal de progresso davam origem às denúncias dos colaboradores do jornal sobre costumes que consideravam serem sinais de “atraso” de parte da população, e que, segundo a redação da publicação, estariam emperrando o avanço da sociedade local em direção ao progresso. O ideal de progresso disciplinado, racional e controlado se opunha às massas populares marginalizadas e não-morigeradas da sociedade.

Há momentos em que os foros de cidade civilizada, da qual goza a fulgurante Estrela dos Campos Gerais deixa de ser o privilégio de um povo adiantado em nato. Não que ele concorra no todo, para que seja empanado o brilho desse astro, mas porque uma parte diminuta, embora da sociedade, inimiga do próprio

<sup>57</sup> LEANDRO, op. cit., p. 66.

<sup>58</sup> HOLZMANN, op. cit., p. 210.

<sup>59</sup> **O Progresso**. Diversões. Ponta Grossa, p. 1, 26 jun. 1909.

<sup>60</sup> Idem. O caso de Ponta Grossa. Ponta Grossa, p. 1, 8 jun. 1909.

<sup>61</sup> **Diário dos Campos**. Assumptos da cidade. Ponta Grossa, 4 dez. 1920, p. 1.

<sup>62</sup> **O Progresso**. Higiene pública. Ponta Grossa, p. 1, 26 set. 1911.

progresso, se opõe que a civilização caminhe a sua luz. Essa parte da sociedade que impede o desenvolvimento das coisas uteis e prováveis é a força bruta, animalizada, inconsciente do espírito, cheio de manifestações frisantes e tendentes a pequenez dos atos.<sup>63</sup>

Ainda na mesma publicação, a redação do jornal lembrava que “As ruas pouco iluminadas de Ponta Grossa são teatros desses dramas lúgubres, em que as vidas são facilmente suprimidas por questões fúteis, quando cenas mais deprimentes não são representadas em plena rua, à luz do sol”<sup>64</sup>. Um desses casos oriundos da falta de policiamento adequado e de iluminação na maior parte da cidade foi um quase atentado ao redator do *Diário dos Campos* em que este foi cercado por inimigos políticos e por pouco não foi espancado<sup>65</sup>.

Além disso também os costumes locais considerados como ultrapassados eram criticados pelos defensores da modernidade local, sendo que a manutenção de costumes originados pelos princípios de fidalguia da honra e busca de desforra eram considerados superados e ultrapassados pelos progressistas locais.

Portanto, em um período de transformações em uma sociedade oligárquica que dava os primeiros passos para a modernização, adepta a alguns ideais progressistas, que os primeiros periódicos surgem. O estabelecimento e a sobrevivência das publicações dependeram constantemente do jogo político entre imprensa e elites locais e do esforço de seus colaboradores. Contudo, em meio a essa sociedade de transição é que tem origem o jornal *Diário dos Campos* e sua construção discursiva de uma atuação enquanto “ferramenta do progresso”.

### **Considerações finais**

A cidade de Ponta Grossa do início do século XX possui uma sociedade em transição, apresentando diversas características tanto de uma sociedade tropeira, conservadora e agrícola quanto de novas classes surgindo - como ex-escravos, burguesia urbana e imigrantes - novas ideias e novas tecnologias que chegam à região.

Assim, o surgimento do jornalismo que ocorreu em meio a uma sociedade em transição, enfrentou diversos desafios tanto para seu estabelecimento quanto para a sua consolidação nos inícios do século XX. Porém conseguiu estabilizar-se em meio à disputas e combates, dando origem a uma classe jornalística atuante com personagens eminentes como Jacob Holzmann e Hugo dos Reis, que defenderam uma constante atuação do *Diário dos Campos* em questões políticas e sociais no meio local ponta-grossense.

---

<sup>63</sup> **O Progresso**. O policiamento da cidade. Ponta Grossa, p. 1, 4 jan. 1910.

<sup>64</sup> Idem.

<sup>65</sup> HOLZMANN, op. cit., p. 277-278.

Observa-se que a sociedade ponta-grossense do início do século XX passou por intensas mudanças através da qual a sociedade campeira foi tendo seu poder e influência equalizada por uma nascente classe alta urbana. Isso não significa que os fazendeiros deixaram de estar no topo da pirâmide social local, mas que muitos deles passaram a compartilhar espaços com os grupos urbanos ponta-grossenses e a desenvolver seus negócios também no meio urbano. Alguns dos principais personagens do jornal eram fazendeiros e inclusive, esse grupo econômico continuou a controlar a política ponta-grossense e eleger prefeitos e magistrados locais.

Porém, o desenvolvimento do circuito comunicativo jornalístico local e a sua atuação no meio social ponta-grossense foi uma das principais mudanças foi na prática e percepção da sociedade local, sendo que os entusiastas do progresso e membros no jornalismo, conquistaram espaço político e conseguiram defender os ideais de urbanidade, e principalmente, a aplicação dessas ideias na sociedade nacional e especificamente, na local.